

(ORGANIZADOR)

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA

A EDUCAÇÃO EM VERSO E REVERSO:

DOS APORTES NORMATIVOS
AOS ASPECTOS OPERACIONAIS

3

(ORGANIZADOR)

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA

A EDUCAÇÃO EM VERSO E REVERSO:

DOS APORTES NORMATIVOS
AOS ASPECTOS OPERACIONAIS

3

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

iStock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Sulivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A educação em verso e reverso: dos aportes normativos aos aspectos operacionais 3

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação em verso e reverso: dos aportes normativos aos aspectos operacionais 3 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-494-5
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.945210907>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a (re) pensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro.

As discussões empreendidas neste livro, intitulado “***A Educação em Verso e Reverso: Dos Aportes Normativos aos Aspectos Operacionais***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re) pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Na direção do apontado anteriormente, é que professoras e professores pesquisadores, de diferentes instituições e países, voltam e ampliam o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade. É um desafio, portanto, aceito por muitas e muitos que fazem parte dessa obra.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestradas, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Maristela Pedrini

Lezilda Maria Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9452109071>

CAPÍTULO 2..... 5

ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, DIÁLOGOS E REFLEXÕES

Sebastiani Stamm Hirsch Brambilla

Luana Kunzler

Taita Lima do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9452109072>

CAPÍTULO 3..... 14

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ALFABETIZAÇÃO ECOLÓGICA: CONTEXTO, FORMATAÇÃO E DESAFIOS

Thaís Dalla Corte

Tiago Dalla Corte

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9452109073>

CAPÍTULO 4..... 31

AVALIAÇÃO DO ALUNO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL: O QUE PENSAM E DIZEM OS/AS PROFESSORES/AS EM UMA FORMAÇÃO CONTINUADA

Angela Maria Venturini

Mônica Pereira dos Santos

Jhonatan Felipe Sales de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9452109074>

CAPÍTULO 5..... 44

O TRANSTORNO DO DEFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: ALGUNS APONTAMENTOS

Danielly Berneck Côas Ribeiro

Sandra Aparecida Machado Polon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9452109075>

CAPÍTULO 6..... 56

A DOCÊNCIA EM VIGOTSKY NO CONTEXTO DAS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E POLÍTICAS NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Thailma Thársila de Souza Viana

Leiliana Rebouças Freire

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9452109076>

CAPÍTULO 7	67
A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DE SABERES DA ESTATÍSTICA DESCRITIVA NO ENSINO MÉDIO.	
Ivone da Silva Salsa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9452109077	
CAPÍTULO 8	77
INTEGRAÇÃO ENTRE O ENSINO DA ESCOLA REGULAR E ESCOLA HOSPITALAR DE CRIANÇAS EM TRATAMENTO DE HEMODIÁLISE	
Marilene Pantoja Carvalho	
Rosilene Ferreira Gonçalves Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9452109078	
CAPÍTULO 9	85
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O ENSINO NO CONTEXTO BRASILEIRO	
Thalyta Freitas dos Santos Laguna	
Ana Claudia Pinto da Silva	
Pâmela Schultz Danzmann	
Tanandra Hermanns	
Juliane Marschall Morgenstern	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9452109079	
CAPÍTULO 10	94
“ACENDE OU NÃO?” TESTANDO A CONDUTIBILIDADE DOS DIFERENTES MATERIAIS	
Mailzia Silva da Silva	
Elinalva Santos Pimentel	
José Fernando Pereira Leal	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090710	
CAPÍTULO 11	103
ESPERANÇAR: MOVIMENTO QUE IMPULSIONA O DESPERTAR PARA UMA NOVA VIDA	
Mônica Aparecida De Oliveira Cruz	
Lúcia Helena Borges De Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090711	
CAPÍTULO 12	112
O PINTEREST PARA CRIAÇÃO DE UM MUSEU IMAGINÁRIO	
Jéssica de Castro Lima Nunes	
Maria Antonia Benutti	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090712	

CAPÍTULO 13.....	120
ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA FREIRIANA: DIÁLOGO COM AS PERCEPÇÕES DAS EDUCADORAS E DAS EDUCANDAS SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Guilhermina Maria Pimentel da Silveira	
Maria das Dores Alves Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090713	
CAPÍTULO 14.....	131
A PRODUÇÃO DE VIDEOAULAS SOBRE FUNÇÕES QUADRÁTICAS A PARTIR DE UM TRABALHO COM MODELAGEM MATEMÁTICA	
Elisangela Pavanelo	
Emanuely Alencar de Melo de Paula	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090714	
CAPÍTULO 15.....	145
CAUSAS DE EVASÃO DE UM CURSO PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
Miralva Ferraz Barreto	
Marizete Argolo Teixeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090715	
CAPÍTULO 16.....	155
A PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL: PANORAMA CAPIXABA	
Nahun Thiaghor Lippaus Pires Gonçalves	
Cirlene Maria Lepaus	
Flavio Lopes dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090716	
CAPÍTULO 17.....	164
APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS NOS CURSOS DE TECNOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR	
João Evangelista de Souza	
Ivoneete Ferreira de Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090717	
CAPÍTULO 18.....	176
PSICOLOGIA, ARTE TEATRAL E EDUCAÇÃO: DRAMA – PROCESSO E SUAS CONTRIBUIÇÕES AO DESENVOLVIMENTO HUMANO	
Ana Cristina Paes Leme Giffoni Cilião Torres	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090718	
CAPÍTULO 19.....	186
GESTÃO DEMOCRÁTICA E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Kelly Glauce da Silva Rosário	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090719	

CAPÍTULO 20.....	199
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA EDUCACIONAL INCLUSIVA DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS	
Walace de Souza Almeida	
Irisneia Brito e Silva	
Walber Gonçalves de Abreu	
Marcelo Spitzner	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090720	
CAPÍTULO 21.....	208
ARTE, TRABALHO E FORMAÇÃO HUMANA: ASPECTOS ONTOLÓGICOS	
Karina Gil Montefusco dos Santos	
Regiane Ávila	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090721	
CAPÍTULO 22.....	220
O CONTEXTO POLÍTICO-HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL E A JORNADA DE TRABALHO DOCENTE NA REDE DE ENSINO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO	
Zelina Cardoso Grund	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090722	
CAPÍTULO 23.....	236
REFLEXÕES ACERCA DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM PORTUGAL	
Allana Ladislau Prederigo	
Letícia Soares Fernandes	
Mariangela Lima de Almeida	
Rafael Carlos Queiroz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090723	
CAPÍTULO 24.....	247
TROCA DE SABERES ENTRE PROFESSORA DE MATEMÁTICA E ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Amanda Conceição Almeida Guimarães	
Juliano Delabianca	
Jaqueline Magalhães Brum	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090724	
CAPÍTULO 25.....	262
A INCLUSÃO DOS ACADÊMICOS COM DEFICIÊNCIA NA UNESC: A EXPERIÊNCIA DO SAMA (SETOR MULTIFUNCIONAL DE APRENDIZAGEM)	
Zélia Medeiros Silveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.94521090725	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	270
ÍNDICE REMISSIVO.....	271

CAPÍTULO 4

AVALIAÇÃO DO ALUNO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL: O QUE PENSAM E DIZEM OS/AS PROFESSORES/AS EM UMA FORMAÇÃO CONTINUADA

Data de aceite: 21/06/2021

Angela Maria Venturini

Profª do ISERJ/FAETEC/SECTI
Doutoranda da FE/UFRJ
<http://lattes.cnpq.br/4972687909038424>

Mônica Pereira dos Santos

Profª Drª Associada da FE/UFRJ
<http://lattes.cnpq.br/8795823734042859>

Jhonatan Felipe Sales de Lima

Graduando em Geografia - UFRJ
<http://lattes.cnpq.br/1087806768861169>

RESUMO: Este artigo objetiva apresentar e analisar os depoimentos dos professores de cinco municípios do estado do Rio de Janeiro, participantes do Curso de Formação de Professores para a Inclusão do Público Alvo da Educação Especial: refletindo, planejando e agindo, realizado durante o ano letivo de 2015. Este curso foi todo gravado e filmado, tendo seus vídeos e áudios transcritos e minutados, gerando uma quantidade de dados que foram analisados qualitativamente, mediante um software chamado ATLAS.TI. Foi feito um levantamento de dados sobre a Avaliação, um dos temas elencados por aqueles docentes, tendo como resposta do software a avaliação sob cinco perspectivas. Este trabalho revela algumas complexidades existentes nos espaços escolares destes professores participantes.

PALAVRAS - CHAVE: Avaliação do Aluno

Público-Alvo da Educação Especial. Formação de Professores. Inclusão. Perspectiva Omnileítica.

SPECIAL EDUCATION TARGET STUDENT EVALUATION: WHAT THE TEACHERS THINK AND SAY IN A CONTINUING FORMATION

ABSTRACT: This article aims to present and analyze of teachers' narratives from five municipalities in the state of Rio de Janeiro, who participated in the Teachers Formation Course for the Inclusion of Special Education Target Public: reflecting, planning and acting, carried out throughout 2015 year academic period. This course was all recorded and filmed, with its videos and audios transcribed and written, generating a quantity of data qualitative analysed, through a software called ATLAS.TI. A survey of data on Evaluation was carried out, one of the themes listed by these teachers, with the software's response being an evaluation from five perspectives. This work reveals some complexities existing in the school spaces of these participating teachers.

KEYWORDS: Evaluation of Target Public of Special Education Students. Teachers' Formation. Inclusion. Omniletical Perspective.

INTRODUÇÃO

Durante o ano de 2015, foi oferecido, pelo Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (LaPEADE), da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),

um curso de formação continuada para professores de escolas públicas, tanto de classes comuns quanto do Atendimento Educacional Especializado (AEE), oriundos de 05 dos 92 municípios do Estado do Rio de Janeiro: Belford Roxo, Mesquita, Nova Iguaçu, Queimados e Rio de Janeiro.

O curso, de caráter extensionista, foi um desdobramento do projeto de pesquisa colaborativa *Observatório Estadual de Educação Especial no Rio de Janeiro* (OEERJ), associado ao projeto nacional *Observatório Nacional da Educação Especial* (ONEESP), caminhando juntos desde 2011. No OEERJ, durante todo este tempo, os campos de pesquisa foram os próprios cursos de formação. Vale ressaltar que o curso de 2015 foi construído com base na pesquisa dos anos anteriores, a qual enfatizava o hiato comunicacional entre os professores, tanto das classes comuns quanto do AEE. Assim, o projeto colocou como cláusula, que as vagas para os professores do AEE só seriam abertas depois que os professores de classes comuns fossem indicados.

Matrícularam-se 109 professores indicados pelas Secretarias Municipais de Educação dos 05 municípios supracitados. Ao final do curso tínhamos 54 professores, sendo 19 pertencentes às classes comuns e 35 pertencentes ao AEE, atuando em diferentes níveis da Educação Básica: Educação Infantil; anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. O desafio de lidar com a diminuição de participantes se deu, porque embora houvesse garantia daquelas secretarias da presença dos professores no curso, muitos dos diretores não cumpriram este trato por alegarem a não liberação dos professores da sala de aula, pela inexistência destes profissionais em seus municípios. Muitas das vezes os professores cursistas solicitaram a intervenção da coordenação do OEERJ junto às secretarias, a fim de que pudessem frequentar este curso almejado.

Neste artigo, pretende-se mostrar os pensamentos e as vozes dos colegas cursistas e a complexidade de suas vivências sobre a avaliação dos alunos alvo da Educação Especial, objetivando analisar estes depoimentos sob a perspectiva *omnilética* (SANTOS, 2013). Apresentaremos, ainda, a perspectiva curricular do curso oferecido; os dados, em forma de depoimentos selecionados para este artigo; discussão e considerações finais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE INCLUSÃO, PERSPECTIVA OMNILÉTICA E INDEX DE INCLUSÃO

O conceito de inclusão adotado pelo LaPEADE é entendido em sua dimensão complexa, que abrange as dimensões das culturas, políticas e práticas, complementares entre si, e que, por essa razão, não está restrito apenas ao universo das deficiências. Da mesma forma, a inclusão não se resume a uma ou algumas áreas da vida humana, como, por exemplo, saúde, lazer ou educação, mas refere-se a todos os esforços no sentido de garantia da participação máxima de qualquer cidadão em qualquer arena da sociedade (SANTOS, 2003, p.81). A perspectiva da inclusão está presente no fazer da escola, quando o trabalho realizado é compreendido como educação, e não como mero treinamento

instrucional; quando os professores são considerados docentes e não instrutores.

A perspectiva do curso compreendeu a inclusão como um processo infundável, emancipatório e suscetível a diversas interpretações, conforme a história e as culturas de cada contexto. Neste sentido, foi fundamentado em autores como Santos (2013 e 2009), Booth e Ainscow (2011), Konder (1981), Morin (2015, 2002), dentre outros. Para a análise e interpretação dos dados deste curso foi considerada a interação dialética e complexa entre as dimensões de culturas, políticas e práticas presentes nas relações sociais. Pensamos ser fundante a concordância dessas cinco dimensões como princípio para a construção de uma escola orientada para valores de inclusão.

Assim, em uma escola de orientação para a inclusão, o esforço de possibilitar a toda sua comunidade: do aluno ao gestor, incluindo as famílias, o máximo de participação possível na construção do Projeto Político Pedagógico, com ênfase na Avaliação, devemos refletir sobre uma escola que atenda a este ou aquele grupo específico, como é o caso do público-alvo da EE, como postula Santos:

Assim, em se tratando do atendimento às necessidades de TODO e QUALQUER educando, as atitudes de uma escola cuja orientação seja inclusiva enfatizam uma postura não só dos educadores, mas de toda a comunidade educacional e de todo o sistema educacional. Uma escola com orientação inclusiva é aquela que se preocupa com a modificação da estrutura, do funcionamento e da resposta educacional que se deve dar a todas as diferenças individuais em qualquer instituição de ensino e em qualquer nível educacional (SANTOS, 2009, p. 14).

Quando a autora enfatiza *todo e qualquer*, nos traz a noção de completude e integralidade presentes na perspectiva *omnilética*, contemplando as dimensões das culturas, das políticas e das práticas. Por conseguinte, ainda que sejam analisadas as políticas públicas voltadas para os alunos alvo da EE, faz-se necessário considerar, de acordo com a perspectiva *omnilética*, todos os outros grupos que participam, de forma ativa, na construção destas relações e os aspectos que as envolvem, como as das culturas e das práticas, por exemplo. Sob este prisma, Santos argumenta que:

[...] compreender e promover inclusão requer a adoção de uma perspectiva omnilética que torna possível vê-la em íntima relação com os processos de exclusão, a partir do estabelecimento do interjogo entre cinco dimensões: além das três dimensões (...) (culturas, políticas e práticas), a dimensão dialética e a da complexidade (SANTOS, 2013, p.18).

Santos pensa nas cinco dimensões com igual importância, em um processo contínuo em que inexistem começo e fim, em que todas são começo, meio e fim. O que nos leva a considerar que

A perspectiva *omnilética* não se resume a uma teoria: ela é um modo de explicar/conceber e ser ao mesmo tempo. Um conceito, portanto, de caráter reflexivo e contemplativo quanto aplicativo às nossas práticas, ao nosso modo de ser. O termo *omnilética* foi criado pela coordenadora da presente proposta e é composta de três elementos morfológicos: o prefixo latino *omni*

(tudo, todo), o radical grego *lektos* (variedade, diferença linguística, mas aqui enfatizando especialmente a variedade e a diferença) e o sufixo grego *igo* (concernente a). Resumidamente, *omnilética* significa uma maneira totalizante de compreender as diferenças como parte de um quadro maior, caracterizado por suas dimensões culturais, políticas e práticas em uma relação ao mesmo tempo complexa e dialética (SANTOS, 2013, p. 23).

Refletir sobre inclusão em educação, em uma perspectiva *omnilética*, acarreta a conscientização da criação de culturas de inclusão para um determinado contexto de ensino-aprendizagem: crenças, valores e percepções; assim como o desenvolvimento de políticas de orientação para a inclusão para determinada situação, tais como: normas, regras, projeto político pedagógico, dentre outros; e por fim, da orquestração de práticas Pedagógicas de inclusão para este mesmo ambiente (SANTOS, 2013, p. 14), entrelaçadas dialética (KONDER, 1981) e complexamente (MORIN, 2015, 2002).

O conceito de *omnilética* abrange a dialética materialista por aquilo que a aproxima de um espírito revolucionário: pela íntima associação que esta possui com o trabalho em seu sentido transformador e, ao mesmo tempo, alienante da condição humana devido à divisão social que acompanha o trabalho definido pelos moldes capitalista. Estes aspectos contraditórios chamam a humanidade à responsabilidade como revolucionária, e conclama os sujeitos a promover a desalienação (KONDER, 1981, p. 31). Além disso, na perspectiva dialética materialista “o conhecimento é totalizante e a atividade humana, em geral, é um processo de totalização, que nunca alcança uma etapa definitiva e acabada” (KONDER, 1981, p. 36). A *omnilética* se apropria, assim, da ideia de totalidade da dialética materialista, uma visão de conjunto, que, nas palavras de Konder:

[...] é sempre provisória e nunca pode pretender esgotar a realidade a que ele se refere. A realidade é sempre mais rica que o conhecimento que a gente tem dela. Há sempre algo que escapa às nossas sínteses, isto, porém não nos dispensa do esforço de elaborar sínteses, se quisermos entender melhor a nossa realidade. A síntese é a visão de conjunto que permite ao homem descobrir a estrutura significativa da realidade com que se defronta, numa situação dada. E é esta estrutura significativa – que a visão de conjunto proporciona – que é chamada de totalidade (Idem, p. 37).

Vale reforçar que é justamente o caráter inacabado da totalidade que mais se afina à *omnilética* porque esta implica compreender o mundo em seu movimento contínuo e mutante, incristalizável, o que nos lembra, constantemente, que “a modificação do todo é mais complicada que a modificação de cada um dos elementos que o integram. [...] cada totalidade tem sua maneira diferente de mudar; as condições da mudança estariam dependendo do caráter da totalidade e do processo específico do qual ela é um momento (Idem, idem, p. 40)”. A perspectiva *omnilética*, ainda, compreende da dialética, seu importante papel de investigar e identificar as contradições, estas entendidas como opostos complementares, e não como contrários dicotômicos, e mediações que compõem cada totalidade. Neste sentido ela também propõe uma leitura do mundo para além do que está

aparente tal como explícita Konder sobre dialética:

Para que o nosso conhecimento avance e o nosso laborioso (e interminável) descobrimento da realidade se aprofunde – quer dizer: para nós podermos ir além das aparências e penetrar na essência dos fenômenos – precisamos realizar operações de síntese e de análise que esclareçam não só a dimensão imediata como também e, sobretudo, a dimensão mediata delas (Op. Cit., p. 47).

Igualmente, o conceito de uma perspectiva *omnilética* remete à ideia de complexidade, conforme defendida por Morin (2015, 2002), ou seja, no sentido de ser possível resgatar uma visão totalizante do conhecimento, em contraposição à tradição disciplinar e fragmentada imputada pelas ciências ao conhecimento. Remete, ainda, à ideia de resgate da multidimensionalidade humana, da afirmação da incerteza da nossa existência em nossa própria historicidade, sem que isso implique em inação, mas em inspiração para a mobilização e a ação, na medida em que tais resgates se reflitam na compreensão de todo e cada problema humano como sendo de todos, como se constituindo em fenômeno planetário e global.

Pensamos que a primeira barreira a ser quebrada para uma convivência para a inclusão, na qual se compreenda e respeite as diferenças entre os sujeitos, sejam elas culturais, educacionais, etárias, políticas, étnicas, dentre outras, é a noção de que cada ser humano tenha igual valor, independentemente de sua diversidade (SANTOS, 2009, p.10).

Sem a intenção de normatizar padrões a serem seguidos, ou propor um manual que conceba receitas prontas para responder a estas ou aquelas questões pertinentes à dialética inclusão/exclusão, Booth e Ainscow (2011, 2002 e 2000) elaboraram o *Índex para a Inclusão* após um trabalho de pesquisa em escolas inglesas, documento consonante com a proposta de análise e interpretação deste curso. É um documento norteador no entendimento de incentivar o desenvolvimento da inclusão nas escolas. Estes autores conceituam o *Índex* como “um conjunto de materiais para apoiar a auto-revisão de todos os aspectos de uma escola, incluindo atividades no pátio, sala dos professores e sala de aula, nas comunidades e no entorno da escola”.

A proposta de trabalho do *Índex* é que ele se articule com a proposta político pedagógica, promovendo uma reflexão sobre avaliação, dentre outros, e consequentemente revisão da escola com seu meio e que esta ação envolva toda a comunidade escolar, contribuindo para o desenvolvimento de inclusão da escola. No que tange à avaliação, é um dos componentes curriculares de maior importância, em razão do seu significado, tanto para o processo de inserção na EE, quanto para as questões relativas ao processo ensino-aprendizagem, segundo Kelman *et alii* (2015).

Para que a avaliação seja construída de forma emancipatória e coletiva, torna-se necessário romper com conceitos e práticas excludentes, o que permitirá ao professor “aprender a aprender”, para além do aprender ensinar tradicional, criando novas/outras

significações na/para as práticas da escola, o que poderá contribuir para o processo de (res) significação da escola, na perspectiva *omnilética*.

O CURRÍCULO DO CURSO FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A INCLUSÃO DO PÚBLICO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL: REFLETINDO, PLANEJANDO E AGINDO

No período de março a dezembro de 2015, a formação em questão se deu em 14 encontros presenciais, distribuídos em 70 horas, além de 30 horas de atividades on-line, totalizando 100 de carga horária. O objetivo foi investigar, mapear/caracterizar as demandas da formação de professores do ensino regular, do entrosamento e comunicação entre os mesmos e os professores do AEE, tendo como propósito descomplexificar a aproximação e o trabalho colaborativo entre ambos e por em prática soluções aos desafios levantados. A metodologia adotada foi o conceito de pesquisa colaborativa, segundo dois autores internacionais: Lieberman (1986), para o qual significa fazer pesquisa “com” os professores e não “sobre” eles; e Smyser (1993), que a define como uma técnica através da qual as pessoas reunidas atuam como parceiras com a finalidade de adquirir conhecimento sobre uma determinada situação ou objeto. Esta técnica é entendida para além de gerar informações sobre a própria formação e o processo avaliativo, como aquela que faz com que cada participante aprenda com os demais.

A base curricular foi montada coletivamente, no primeiro encontro, onde se levantou, junto aos seus participantes, as demandas existentes, tanto nas salas comuns quanto nas SRMs, onde são realizados o AEE, bem como as relações e articulações dos professores que atuam nestes ambientes. O levantamento, entre os participantes do curso, apontou/enfateizou as seguintes temáticas de interesse: Formação, Políticas Públicas, Currículo, Avaliação, Tecnologia e Acessibilidade, que em conjunto com o tema da Codocência e Mediação, compuseram o currículo de formação, entretanto este artigo focará apenas a Avaliação, segundo o pensamento e as vozes dos participantes.

O curso foi filmado e gravado a cada encontro, sendo estes dados transcritos e minutados, gerando uma quantidade de dados verbais para serem analisados qualitativamente, através do *software* ATLAS.TI, que se constituiu em um banco de dados, de onde se extraiu os aspectos discutidos sobre a avaliação.

O PENSAMENTO E AS VOZES DOS PROFESSORES SOBRE A AVALIAÇÃO DO ALUNO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Os depoimentos dos professores nos permitiram, por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1979), compreender suas reflexões sobre avaliação em torno de 5 grandes temas: concepção (35%); diagnóstica (24%); estrutura (24%); clínica (15%) e auto-avaliação (2%).

CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO

O ato de avaliar é amplo e não se restringe a um único objetivo, vai além da medida, posicionando-se favorável ou desfavorável à ação avaliada, propiciando uma tomada de decisão, em um processo contínuo e avaliativo.

[...] às vezes a gente não se coloca no lugar do aluno, aquilo ali faz sentido de que forma, e quando a gente ouve falar em avaliação, a avaliação é sempre sobre os aspectos do que ele não sabe, ninguém quer valorizar o saber dos alunos [...] UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2016, linhas 6306-6312).

[...] Quando chegam aquelas avaliações, que são obrigadas a ser feitas, e na minha escola avaliação é adaptada, porque ele é incluído e a aula tem que ter adaptação tanto pelo mediador, quanto pelo professor da disciplina. E na hora da avaliação ele vai fazer qualquer prova? Não! [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2016, linhas 8880-8883)

Para Kraemer (2005), avaliação vem do latim, e significa valor ou mérito ao objeto em pesquisa, junção do ato de avaliar ao de medir os conhecimentos adquiridos pelo indivíduo. É um instrumento valioso e indispensável no sistema escolar, podendo descrever os conhecimentos, atitudes ou possibilidades/potencialidades que os alunos apropriaram. Assim, a avaliação revela os objetivos de ensino já atingidos em um determinado ponto de percurso e também as dificuldades no processo de ensino aprendizagem.

Já para Oliveira e Leite (2000), a avaliação pedagógica deve indicar o percurso para a ação educacional, onde todos os envolvidos devem participar: alunos, professores, profissionais envolvidos, família, a escola em si, ressaltando, também, as condições que são ofertadas para a aprendizagem.

Estas duas perspectivas alinham-se ao pensamento *omnilético* na medida em que apontam para a possibilidade de um processo avaliativo contemplar o que já foi feito, como também o que ainda pode/precisa ser feito. E esta 'feitura' implica na participação coletiva: professores e alunos.

Neste sentido é que o SUJEITO 1 alerta para a necessidade (culturas) de se pôr no lugar do outro (culturas/práticas) e deixa entrever, para além da consideração daquilo que já foi construído pelos estudantes como conhecimento, a possibilidade de se considerar o que o aluno não sabe apenas no sentido de abrir portas para ampliar conhecimentos. Esta consideração, de certo modo positiva, por assim dizer, do que ainda não está presente, mas pode estar, aponta a complexidade da questão: é preciso valorizar o que o aluno sabe, é inevitável descobrir o que ele não sabe, e nos parece absolutamente imprescindível tomar o que ainda não se sabe como porta de entrada para o mundo a se conhecer.

Já o SUJEITO 2 aponta, predominantemente, para aspectos políticos e práticos em relação contraditória (dialética) ao pontuar a incoerência presente em um sistema educacional que obriga a avaliações padronizadas, ao mesmo tempo em que garante as adaptações em certos casos. Aponta, ainda, para a contradição relativa a não se prever

o tempo necessário para que tais adaptações sejam eficazmente feitas. A porta aberta (complexidade) implícita nesta fala se refere à possibilidade de se rever o planejamento e execução das avaliações de modo a ajustá-los ao que garante a Lei.

AValiação DIAGNÓSTICA

O conceito de avaliação diagnóstica não recebe uma definição uniforme de todos os estudiosos. No entanto pode-se, de maneira geral, entendê-la como uma ação avaliativa realizada no início de um processo de aprendizagem, que tem a função de obter informações sobre os conhecimentos, possibilidades/potencialidades dos estudantes com vista à organização dos processos de ensino e aprendizagem de acordo com as situações identificadas. A avaliação diagnóstica coloca em evidência os saberes e os não saberes de cada aluno.

[...] E a gente fez uma parceria com a UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde a gente tem o neuropediatra, a nutricionista, a assistente social, que estavam ali junto com a gente fazendo um trabalho de avaliação, de estrutura mesmo, pensando a estrutura do núcleo. E pensando nessa estrutura do núcleo, a gente atendia não só as crianças, mas a gente atendia também os pais, então nesse primeiro momento a gente recebe a criança e faz uma avaliação. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2016, linhas 7497-7502)

[...] A gente recebe da escola, a gente tem uma ficha de encaminhamento, é um instrumento onde a escola vai colocar os dados da criança, e o que a escola já fez pela criança. Como é que a criança está com o seu raciocínio lógico? Que nível de letramento a criança se encontra? Quais foram as intervenções que a escola fez com a criança? Quais foram as intervenções que a escola fez com esses pais? E aí a gente recebe e faz. Chama as crianças e esses pais para fazer avaliação. Os pais assinam um termo de responsabilidade para poder a criança ficar ali com a gente durante o período, porque não é um serviço ambulatorial [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2016, linhas 7505-7511)

Avaliar deve ser entendido, de acordo com Luckesi (2002), como o ato de diagnosticar uma experiência com vistas a uma reorientação, de forma que se possa obter o melhor resultado possível. Ressalta ainda que o processo avaliativo não deveria ser classificatório, nem seletivo e, sim, diagnóstico e para a inclusão. Em que pese estarmos de acordo com as ideias de Luckesi, omnileticamente, problematizamos a seguinte questão: considerando que, 'para o bem ou para o mal', o ato avaliativo nos classifica em dada escala do que esteja sendo avaliado, é possível uma avaliação para a inclusão? Parece-nos impossível, neste momento de nossa história (culturas), considerar um sistema educacional que pudesse abrir mão de práticas avaliativas. Ainda assim, trazemos o aspecto complexo desta discussão apoiando-nos no que diz Rogers (1969, p. 133) sobre a avaliação escolar:

Nenhum sistema de avaliação contínua depura alguns dos menos competentes ou dos menos inteligentes. Tende, ao contrário, a eliminar, definitivamente, os mais singulares e criativos dos nossos alunos [...].

Se isto vale para a avaliação contínua, cremos que, para a avaliação diagnóstica, aplica-se ainda mais, quando se trata de educação.

ESTRUTURA PARA AVALIAÇÃO

O Brasil de hoje ainda tem um grande desafio: uma educação que concilie, de um lado, a qualidade e excelência e, do outro, que pratique valores que contribuam para tornar o país cada vez menos desigual.

[...] Então o primeiro bimestre foi bomba, porque a gente recebeu um monte de professores de outras unidades e eles não sabiam fazer avaliação adaptada. Como é que eu vou fazer avaliação de história, geografia, etc. Como é que eu vou passar isso para um professor, que só está duas vezes na escola? Ele entra batido e sai para ir para outra escola [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2016, linhas 8886-8889)

[...] Nós sabemos que julho está chegando, teve a primeira avaliação do SAERJ, e que a gente tem parceria com o estado e que ele precisava fazer essa avaliação do nono ano. Eu tenho uma deficiência intelectual incluído, na mesma sala eu tenho dois surdos e uma síndrome de down, na mesma escola, no nono ano e tenho avaliação externa. E a avaliação externa não é adaptada. Como é que eu faço isso com ele? Aí eu mando para a Secretaria Estadual avisando. No cadastro, na ficha do aluno, tem que ele é com necessidades especiais, tem duas matrículas, que ele participa no contraturno do AEE, e não tem a avaliação. E alguns professores começaram a questionar comigo, porque Daniele a gente faz as adaptações das nossas aulas, porque que a gente está se desdobrando ligando para você de madrugada, mandando WhatsApp e a avaliação quando vem externa, não vem adaptada? [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2016, linhas 8891-8901)

Os professores participantes do curso verbalizaram que, apesar da legislação federal, cada município interpreta o processo avaliativo de maneira diferente, apontando para a necessidade do professor, tanto em sua formação inicial quanto continuada, de discutir melhor o processo avaliativo com todos os profissionais da escola, a família, envolvendo os alunos.

Este curso apresentou desafios no que Booth & Ainscow (2011) consideram como inclusão: minimizar/reduzir e até eliminar barreiras para a aprendizagem e a participação de crianças, jovens e adultos. Mais do que conhecer as demandas do alunado, inclusão significa, também, direcionar o olhar para a compreensão da diversidade. Referenda-se que o coletivo da escola deve descobrir em seus alunos, suas potencialidades, respeitando suas necessidades, ao invés de chamá-las de limitações, pois faz-se necessária a mudança desta cultura de só ver o que falta no outro (KELMAN *et alii*, 2015).

Omnileticamente, uma vez mais, vemos culturas (concepções de avaliação

aqui expressas), políticas (as diretrizes em vigência) e práticas (os questionamentos, as acessibilidades que se consegue fazer) em relação dialética, na medida em que se contradizem e complexa, no sentido tanto da incerteza para a qual a complexidade aponta (o que fazer perante tantas contradições?) quanto das portas que se abrem como potencialidade (a iminência de se entrar em um estado de questionamento das culturas, políticas e práticas vigentes).

AValiação CLÍNICA

A fala a seguir aponta a complexidade de culturas, políticas e práticas, quando mostram suas inquietações e esperança de solução de questões educacionais por meio de uma abordagem clínica:

[...] Então nós começamos com 39 alunos da educação especial, numa proposta de laboratório com esses 39 alunos. E aí, qual foi o objetivo que a gente passou para esse trabalho? Avaliação de profissionais de saúde, apesar do psicólogo e da fono também serem considerados profissionais da educação, mas naquele momento eram profissionais de saúde e faziam uma avaliação clínica deles, para que a gente pudesse entender um pouco mais desse aluno para pensar intervenções que pudessem dar esse suporte pedagógico para as escolas [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2016, linhas 7474-7480)

Para Verona, 2012, entende-se por medicalização o processo em que as questões da vida social, sempre complexas, multifatoriais e marcadas pela cultura e pelo tempo histórico, são reduzidas à lógica médica, vinculando aquilo que não está adequado às normas sociais. Assim, questões como os comportamentos não aceitos socialmente, as performances escolares que não atingem as metas das instituições, as conquistas desenvolvimentais que não ocorrem no período estipulado, são retiradas de seus contextos, isoladas dos determinantes sociais, políticos, históricos e relacionais, passando a ser compreendidas apenas como uma doença, que deve ser tratada, sem estudar suas causas, e porque acontecem. Na perspectiva *omnilética*, que se coaduna com a de Verona (idem), talvez pudéssemos nos indagar do porquê de nossa educação ainda enfatizar e valorizar (culturas) tanto, apenas, ou principalmente, um olhar – o clínico, no caso. Até porque na maioria das vezes, os professores tendem mais a ficar sem saber o que fazer do que saberem, quando se defrontam com um diagnóstico clínico. Ademais, mesmo que alguns de nós, da Educação, queiramos (culturas); e que nossas políticas públicas endossem o predomínio do olhar clínico sobre o processo educacional, cabe questionar esta hegemonia.

Por outro lado, como é de se esperar de uma análise *omnilética*, cabe considerar que todos os saberes e olhares (culturas) podem caber nos processos educacionais. A questão é como se traduzirão nas decisões e arranjos organizativos (políticas) quanto nas práticas. Quando entram em colisão (dialética), estes olhares precisam ser priorizados, e neste caso, o recomendável seria que o olhar do educador fosse o ‘batedor do martelo’.

Infelizmente, não é o que acontece, na maioria das vezes.

Uma abertura à compreensão dos processos avaliativos em sua dimensão complexa talvez resolvesse o dilema, na medida em que permitiria o engajamento no diálogo (práticas) interdisciplinar, que poderia, por sua vez, facilitar a revisão de concepções prévias (culturas) e inspirar a organização de nossos arranjos de apoio educacional (políticas) aos nossos jovens e nossas crianças.

AUTO-AVALIAÇÃO

Faz-se necessário colocar em foco a questão da auto-avaliação no processo pedagógico como forma de incentivar tanto o aluno quanto o professor a pensar em suas situações frente aos novos desafios educacionais que estão em voga na educação atual.

[...] Se a gente tem um cantinho na sala e se a atividade não está sendo legal, funciona também como fuga, ele não está fazendo o que está sendo proposto para ele e ele simplesmente vai te enrolar, e vai lá pegar, não estou achando legal, não vou conseguir fazer e não atingi, aí aonde vem a nossa reflexão, a nossa práxis, se realmente eu estou alcançando o meu aluno. Estou falando a mesma linguagem que ele? Se o meu conteúdo está adequado a situação da vivência dele? O cognitivo dele? Ele está acompanhando? Será que realmente o que eu estou passando para ele, ensinando, todo dia nessa turma que está todo dia conosco? Será que ele realmente está aprendendo? A gente acha que está, e quando vem a avaliação ou o momento mais forte, que a gente precisa também pontuar isso. A gente tem o resultado negativo, não estou e aí, e ele vai lá e pega alguma coisa, a gente coloca como uma fase de independência ou também de fuga com aquilo que ele não está gostando, ele não está entendendo e esses cantinhos que são de motivação, são cantinhos de estímulo cultural, que a gente coloca para que ele tenha a valorização de mundo, o conhecimento de mundo dele, também pode ser uma moeda, ou uma faca de dois gumes, que corta os dois legumes [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2016, linhas 3527-3543)

Como a avaliação é contínua, a auto-avaliação deverá ser caracterizada como processo participativo, democrático e transparente. Para tanto, realizará vários encontros de sensibilização e de levantamento de dados, percepções e informações, aberta à participação da comunidade acadêmica – professores, alunos, funcionários e gestores para a elaboração coletiva da proposta de auto-avaliação institucional, a qual será implementada, baseada em um trabalho/pesquisa colaborativa.

A auto-avaliação deverá sistematizar informações, analisar coletivamente os significados de suas realizações, desvendar formas de organização e ação, identificar potencialidades, e estabelecer estratégias de superação de problemas. Por ser a avaliação contínua, a auto-avaliação se caracteriza como um processo cíclico, criativo e renovador de análise, interpretação e síntese das dimensões culturas, políticas e práticas, as quais definem a avaliação educacional.

Esta abordagem de avaliação pode ser considerada bem omnilética. Neste sentido,

chamamos Rogers (1969) uma vez mais à discussão, pois ele defendia apenas a auto-avaliação como processo legítimo de aferição da aprendizagem: (...) um ambiente de apoio e compreensão, a falta de notas, ou um estímulo à auto-avaliação, removem as ameaças externas e lhe permitem, referindo-se ao estudante, fazer progresso, porque já não se acha paralisado pelo temor (p. 107).

Ou seja: a cultura de avaliação de nossa escola, classificatória como tem sido tradicionalmente, é excludente e, em nosso ver, improfícua. No depoimento acima, a professora relata um processo de auto-avaliação de sua própria prática, algo ainda raro na realidade brasileira e, por isso mesmo, louvável. Percebe-se que ela enfrenta as contradições (dialética) entre aquilo que achava que estava fazendo (culturas), o como se organizou para fazer o que achava que estava fazendo (políticas) e o que, efetivamente, acontecia (práticas). É este movimento que, em nosso olhar omnilético, permite não apenas o reconhecimento e o trato com as incessantes incertezas, como abre as portas para a possibilidade de se pensar estratégias ainda não visíveis, mas potencialmente possíveis.

TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação perpassa por todo o processo ensino-aprendizagem, pois ao se elaborar o plano de aula ou o planejamento de curso devem ser consideradas: a dimensão das culturas implícita nos objetivos, a dimensão das políticas nos propósitos com o grupo, a dialética e a complexidade no contexto do grupo com o qual se trabalha, mediante a dimensão das práticas, segundo Santiago, Santos e Melo (2017). Percebemos, no entanto, que de modo geral a avaliação, com exceção do último depoimento, ainda é tomada em um sentido que mais classifica e diagnostica clinicamente, o que abre a perigosa porta da exclusão. Santiago, Santos e Melo (2017) revelam que o processo avaliativo é um importante parâmetro para identificar se as propostas pedagógicas possibilitam condições de aprendizagem e participação para todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

ATLAS.ti 7. **The Qualitative Data Analysis & Research Software**. Disponível em www.software.com.br/AtlasTI Acessado em 04/04/2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed 70, 1979.

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index para a Inclusão**. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Traduzido por: Mônica Pereira dos Santos. Produzido pelo LaPEADE, 2011.

KELMAN, C. A.; VENTURINI, A. M.; COTA, F. dos S.; GORNE, C. S. A quem cabe a avaliação dos alunos público alvo da Educação Especial? In: MENDES, E. G.; CIA, F.; D’AFFONSECA, S. M. (Orgs.). **Inclusão Escolar e a Avaliação do Público Alvo da Educação Especial**. São Carlos, SP: Marquezine & Manzini: ABPEE, 2015. Cap. 15 (349-365).

KONDER, L. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KRAEMER, M. E. P. **Avaliação da aprendizagem como construção do saber**. Mar del Plata, Argentina: V Coloquio Internacional de Gestión Universitaria en América del Sur. Poder, Gobierno y Estrategias en las Universidades de América Del Sur. 8-10 de Diciembre de 2005.

LIEBERMAN, A. **Collaborative research: Working with, not working on**. Alexandria, Virginia State, USA: EducationalLeadership, 43(5), 29-32, 1986.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais**. São Paulo: Eccos Revista Científica, v.4, n° 2, p. 79-88, 2002.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

OLIVEIRA, A.A.S.; LEITE, L.P. Educação Inclusiva e as Necessidades Educativas Especiais. In: MANZINI, E.J. (Org.). **Educação Especial: temas atuais**. Marília, SP: UNESP, 2000.

ROGERS, Carl. **Freedom to Learn: a view of what education might become**. Columbus, OH: Charles E. Merrill, 1969.

SANTIAGO, M.C.; SANTOS, M. P dos; MELO, Sandra Cordeiro de. Inclusão em educação: processos de avaliação em questão. **Revista Ensaio**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <http://doi.org/10.1590/S0104-40362017002500652> Acesso em 04/03/2021.

_____. **Dialogando sobre inclusão em educação: contando casos (e descasos)**. Curitiba: CRV, 2013.

_____; FONSECA, M. P. de S.; MELO, S. C. (Org.). **Inclusão em Educação: diferentes interfaces**. Curitiba: CRV, 2009.

SMYSER, B.M. **Active and Cooperative Learning**. Disponível em www.wpi.edu/~isg_501/bridget.html Acessado em 03/04/2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Blocão de Transcrições**, OEERJ/2015. Rio de Janeiro, 2016. 328p.

VERONA, H. C. Não há medicalização da vida. In: **XV Plenária da Gestão 2011-2013**. Brasília, DF: CFP, 07/2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acadêmicos com deficiência 13, 262, 263, 265, 266, 267, 268

Adaptação Curricular 155, 163

Alfabetização científica 10, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Alfabetização de Jovens e Adultos 12, 120, 121, 122, 123

Alfabetização ecológica 10, 14, 15, 16, 25, 27, 28, 29

Alunos 2, 7, 8, 10, 19, 21, 24, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 60, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 123, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 155, 160, 163, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 183, 187, 188, 189, 191, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 204, 205, 206, 221, 223, 226, 227, 228, 232, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 255, 259, 260, 263, 264

André Malraux 112, 113

Aprendizagem 12, 13, 1, 3, 6, 10, 11, 12, 14, 19, 20, 21, 25, 29, 34, 35, 37, 38, 39, 42, 43, 46, 48, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 71, 74, 77, 80, 81, 82, 83, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 100, 101, 106, 112, 113, 115, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 134, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 173, 174, 175, 180, 182, 184, 194, 196, 199, 204, 205, 206, 211, 224, 225, 226, 228, 229, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269

Aprendizagem Baseada em Projetos 12, 164, 165, 166, 168, 173, 174

Arte 12, 13, 66, 105, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 154, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 190, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 235

Arte-Educação 112, 113

Arte teatral 12, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 184

Avaliação 10, 7, 11, 20, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 51, 52, 53, 54, 55, 60, 64, 67, 72, 74, 89, 90, 117, 125, 145, 147, 149, 150, 151, 152, 154, 158, 160, 162, 166, 171, 172, 174, 220, 229, 230, 231, 235, 249, 252, 253, 261, 266

C

Cidadania 10, 11, 17, 20, 24, 30, 66, 106, 121, 122, 126, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 193, 194, 195, 196, 197, 221, 227

Contexto 10, 11, 13, 2, 5, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 42, 45, 50, 56, 57, 58, 59, 60, 64, 72, 77, 81, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 109, 112, 113, 123, 128,

133, 142, 156, 158, 161, 162, 174, 179, 180, 181, 182, 183, 187, 191, 193, 202, 203, 204, 205, 207, 209, 214, 220, 222, 224, 231, 236, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 265, 267

Contexto Histórico 16, 26, 85, 123

D

Democracia 9, 10, 112, 186, 187, 188, 189, 191, 193, 195, 196, 197

Desafios 10, 12, 3, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 27, 36, 39, 41, 55, 75, 80, 85, 89, 90, 93, 104, 108, 109, 127, 143, 153, 161, 164, 165, 167, 186, 187, 189, 192, 194, 195, 197

Desenvolvimento Humano 12, 58, 61, 62, 63, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 215, 222, 226

Diálogo 12, 12, 22, 26, 27, 29, 41, 106, 117, 120, 125, 129, 151, 152, 159, 161, 162, 179, 180, 192, 195, 203, 217, 221, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 244, 250, 252, 253, 255, 259

Diversidade 22, 24, 28, 31, 35, 39, 46, 87, 90, 106, 186, 187, 188, 189, 195, 196, 197, 222, 264

Drama-Processo 176, 183, 184, 185

E

Educação 2, 9, 10, 11, 12, 13, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 91, 92, 93, 99, 102, 103, 104, 106, 110, 111, 112, 113, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 137, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 173, 174, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 207, 208, 218, 220, 221, 222, 223, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 267, 268, 269, 270

Educação a Distância 12, 145, 146, 150, 151, 153, 154

Educação Ambiental 10, 14, 16, 18, 19, 20, 22, 25, 26, 30

Educação de surdos 199, 200, 201, 202, 205, 206

Educação Especial 10, 12, 31, 32, 36, 40, 42, 43, 49, 53, 54, 55, 86, 89, 91, 92, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 186, 187, 197, 200, 206, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 251, 252, 259, 260, 263, 269

Educação Inclusiva 11, 12, 13, 43, 53, 55, 85, 89, 92, 93, 155, 156, 157, 159, 160, 163, 186, 187, 188, 189, 192, 194, 197, 198, 200, 201, 206, 207, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 263, 264, 265, 267, 268

Educação Integral 13, 220, 221, 222, 229, 231, 233

Educação Matemática 131, 132, 134, 143, 144, 247, 249, 261, 270

Educação Permanente 145, 146

Educandos em Tratamento de Hemodiálise 77, 81

Eletricidade 94, 95, 96, 102

Ensino 11, 12, 13, 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 42, 44, 49, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 85, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 128, 131, 132, 135, 137, 142, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 154, 155, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 182, 183, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 240, 241, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 259, 262, 263, 264, 265, 266, 268, 269, 270

Ensino da Estatística 67

Ensino Fundamental 10, 32, 59, 69, 71, 72, 73, 74, 76, 80, 99, 113, 122, 137, 143, 191, 199, 200, 202, 222, 223, 225, 226, 228, 230, 232, 235, 247

Ensino Médio 11, 32, 59, 67, 69, 71, 72, 73, 74, 76, 95, 137, 144, 223, 228, 230, 232, 234

Ensino Superior 12, 2, 3, 14, 16, 18, 22, 28, 29, 103, 106, 110, 164, 165, 167, 168, 169, 173, 174, 175, 262, 263, 264, 265, 268, 269, 270

Escola Hospitalar 11, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83

Escola Regular 11, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 161

Esperança 11, 103, 104, 106

Estatística Descritiva 11, 67, 71, 72, 73, 74, 75

Estudo Comparado 236

Evasão 12, 59, 77, 80, 82, 83, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 173

Experimentação 6, 94, 95, 100, 101, 102

F

Formação 10, 13, 1, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 21, 24, 29, 31, 32, 36, 39, 44, 45, 54, 55, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 71, 74, 75, 81, 88, 90, 102, 103, 105, 106, 115, 124, 134, 137, 143, 145, 146, 147, 148, 151, 152, 153, 158, 159, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 177, 179, 180, 184, 185, 192, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 225, 228, 229, 231, 238, 240, 248, 249, 250, 251, 259, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270

Formação de Professores 1, 13, 31, 36, 44, 64, 143, 158, 201, 206, 238, 249, 263, 270

Formação docente 65, 67, 75, 200, 201, 203, 205

Formação Humana 13, 65, 106, 177, 208, 211, 217, 218

Formação Pessoal 103, 105

Funções Quadráticas 12, 131, 134, 137, 139, 140, 141, 142

G

Gestão Democrática 12, 186, 188, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197

H

Hiperatividade 10, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 55

I

Inclusão 13, 2, 11, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 42, 43, 44, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 122, 142, 161, 162, 186, 187, 189, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 207, 224, 236, 238, 239, 242, 243, 244, 245, 246, 252, 259, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269

Integração Escolar 77, 82, 83, 238

J

Jornada de trabalho docente 13, 220, 222, 233

M

Metodologia Ativa 164, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 173

Modelagem Matemática 12, 131, 132, 133, 134, 139, 141, 142, 143, 144

Mudança 1, 2, 3, 28, 34, 39, 57, 63, 85, 88, 107, 117, 142, 152, 169, 171, 241, 250, 260, 264

Museu Imaginário 11, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119

O

Oficina de física 94

P

Pandemia 9, 10, 1, 2, 90, 103, 104, 105, 106, 110, 155, 162, 163

Perspectiva Omnilética 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40

Pesquisa em Educação Especial 12, 155

Práticas Pedagógicas 57, 60, 61, 63, 155, 157, 158, 159, 161, 162, 187, 193, 194, 195, 196, 204, 238, 243, 245, 247, 251

Profissionais da educação 11, 40, 157, 191, 195, 223, 225, 236, 239, 240, 241, 242, 245, 263

Programas 54, 87, 134, 135, 220, 229, 231, 262, 264, 270

Projetos 12, 121, 134, 137, 164, 165, 166, 168, 170, 173, 174, 191, 192, 220, 225, 227, 228, 229, 231, 234, 267, 268

Psicologia Escolar 85, 92

Psicologia Histórico-Cultural 56, 61, 176, 177, 178

R

Reflexões 10, 13, 3, 5, 36, 44, 71, 78, 102, 103, 105, 154, 157, 162, 177, 182, 188, 189, 197, 199, 236, 250

Ressignificação 1, 3, 29

S

SAMA 13, 262, 263, 265, 266, 267, 268

São Paulo 13, 4, 29, 30, 43, 55, 66, 83, 92, 102, 110, 111, 112, 119, 130, 137, 144, 154, 163, 173, 174, 176, 185, 197, 198, 207, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 246, 261, 270

Subjetividade 20, 199, 200, 204, 205, 206, 212, 213

T

Tecnologia 10, 12, 1, 2, 5, 8, 9, 10, 11, 13, 18, 36, 56, 58, 68, 69, 111, 112, 118, 139, 142, 148, 149, 151, 155, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 233

Tecnologia em Análise e Desenvolvimento 164, 165

Tecnologias Digitais 6, 11, 12, 131, 133, 134, 143, 151

Temas geradores 120, 124, 126, 129

Teoria do Agir Comunicativo 236, 239, 245

Trabalho 12, 13, 5, 7, 11, 12, 20, 21, 24, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 45, 48, 54, 55, 56, 61, 64, 67, 73, 74, 75, 76, 80, 82, 86, 89, 90, 91, 94, 95, 101, 104, 106, 110, 113, 114, 118, 121, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 148, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 161, 163, 166, 167, 168, 179, 180, 181, 184, 185, 187, 189, 190, 193, 195, 200, 202, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 241, 243, 244, 246, 247, 249, 250, 251, 255, 259, 260, 262, 267, 268

Transtorno do deficit de atenção 10, 44

Transtorno do Espectro Autista 13, 247, 248, 261

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 facebook.com/atenaeditora.com.br

A EDUCAÇÃO EM VERSO E REVERSO:

DOS APORTES NORMATIVOS
AOS ASPECTOS OPERACIONAIS

3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 [facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

A EDUCAÇÃO EM VERSO E REVERSO:

DOS APORTES NORMATIVOS
AOS ASPECTOS OPERACIONAIS

3